



## LIBERTAÇÕES E JUSTIÇA AFRODIASPÓRICA: A ESSENCIALIDADE DA IMAGEM DE ANÁSTACIA LIVRE E DO CORPO NEGRO (FEMININO) EMANCIPADO

Doutoranda Hélen Rejane Silva Maciel Diogo (UFSC)

Dr. Francisco Quintanilha Veras Neto (UFSC)

Dr. Renato Duro Dias (FURG)

**Palavra-chave:** Anástica livre, corpo negro feminino, imagens de controle, libertações e justiça afrodiaspórica, corpo negro feminino

As mulheres negras, historicamente, sempre foram afetadas por violências, por signos e adjetivações que, durante muito tempo, as afastavam de um capital econômico, social e intelectual. A imagem de Anastácia livre, em 2019, produzida por o artista Yhuri Cruz, é essencial, simbólica e representativa desconstruindo os silenciamentos, as subalternidades e as imagens de controle (Patricia Hill Collins) utilizadas como estratégia da colonialidade do poder, do ser e do saber em um Estado brasileiro que sempre operou por meio da separabilidade e da hierarquização racial. O presente estudo problematiza a imagem de Anastácia livre, como um contributo libertário, tendo como base as reflexões teórico-crítica dos estudos decoloniais e de intelectuais negras. Este resumo se inscreve em uma abordagem qualitativa, cuja base é uma revisão de literatura ancorada nas categorias: Corpo negro regulado e corpo negro emancipado (Nilma Lino Gomes), imagens de controle (Patrícia Hill Collins), interseccionalidade (Kimberlé Williams Crenshaw). A análise interseccional é fundamental para compreender o estado de controle, injustiça, violência e morte física e simbólica a qual estão submetidas as mulheres negras. Para além das nuances de gestão e controle de corpos femininos negros, o trabalho manifesta a magnitude das vozes negras femininas como enunciadoras de suas histórias e de uma outra e possível semântica de justiça, a afrodiaspórica.

Promoção:



Apoio:

